

WOLLSTONECRAFT E “UMA REIVINDICAÇÃO DOS DIREITOS DAS MULHERES” FRENTE AO ILUMINISMO: UMA ANÁLISE DO CAPÍTULO IV – “OBSERVAÇÕES SOBRE O ESTADO DE DEGRADAÇÃO AO QUAL A MULHER É REDUZIDA POR VÁRIAS CAUSAS.”

FERNANDA ALVES DA COSTA¹; FLÁVIA CARVALHO CHAGAS²

¹*Universidade Federal de Pelotas – landaciccone@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – flaviafilosofiaufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A Revolução Francesa teve um papel importante na luta das mulheres, sendo o primeiro momento na História em que estas se organizaram, produziram documentos e argumentos apresentados aos homens que estavam no poder, onde elas reivindicavam direitos iguais aos homens, como liberdade, direito à educação e à propriedade privada, inclusive sobre o próprio corpo. A História da Filosofia Ocidental participou ativamente da construção de um ideal de natureza feminina que levou a criação de um lugar no mundo para as mulheres. Esse lugar era longe do poder, da vida pública ou daquilo que Aristóteles trata por vida qualificada – que pertenciam apenas aos homens. Neste contexto, Mary Wollstonecraft escreve em 1792 *A Vindication of the Rights of Woman: with strictures on political and moral subjects*, que pode ser considerada a primeira obra feminista, que trata sobre como a desigualdade se baseia na diferença entre os sexos, como esses argumentos se sustentam e como podemos por meio da educação garantir direitos iguais para as mulheres e para outros grupos que também foram excluídos da revolução de ideais iluministas. Investigando a Revolução Francesa, a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, filósofos (homens e mulheres) que produziram obras na época sobre direitos dos homens, direitos das mulheres e direitos humanos, revemos a participação da Filosofia nos processos de exclusão, através da análise de um dos capítulos de um livro escrito por uma mulher. A negação de direitos às mulheres em um dos maiores eventos político e social da História apresenta ecos num presente onde as mulheres ainda precisam reivindicar espaços e direitos, especialmente contexto onde se iniciam discussões de desconstrução de gêneros, ao mesmo tempo em que a desconstrução já pode ser vista como uma realidade.

2. METODOLOGIA

Para realizar uma pesquisa sobre a condição feminina na obra de Wollstonecraft é necessário lançarmo-nos em uma investigação da História da Filosofia desde a antiguidade até a atualidade. Assim podemos ver a participação da Filosofia na construção de um ideal de mulher e de um feminino.

Aliada a construção desses ideais, surgem documentos que declararam direitos a determinados indivíduos em diversas épocas e sociedades. Declarações que antecedem a Revolução Francesa e que também surgem em meio a revoluções que envolvem conflitos com o poder ou com o Estado, como a Revolução Gloriosa, em 1689 na Inglaterra, e a Revolução Americana, de 1775 a 1783 – esta última serviu de inspiração aos franceses.

As declarações investigadas definem quais seriam os direitos naturais e inalienáveis dos homens. Às mulheres, por serem desprovidas de direitos, restava

a objetificação, ser propriedade privada, pertencente a um homem, que deveria ser pai, marido ou senhor/dono. E essas declarações também distinguiam os homens entre si, definindo quem eram aqueles que poderiam ser considerados cidadãos. Aos que não tivessem o privilégio da cidadania, restava – como às mulheres – a escravidão e a marginalidade. No caso das mulheres, uma marginalidade muito específica, resumida microcampos de concentração simbólica, como a casa (*oikos*), os conventos/igrejas, os manicômios e o próprio corpo. Este último parece ser a grande barreira para filósofas mais recentes, como Simone de Beauvoir e Judith Butler, que, assim como Wollstonecraft duzentos anos antes, veem apresentar um pensamento que discute sobre os interesses na exclusão das mulheres e da inferiorização dos femininos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa pesquisa se tornou um Trabalho de Conclusão de Curso no bacharelado em Filosofia, apresentado no segundo semestre do ano de 2015.

Além de evidenciar a grande participação que a Filosofia tem na construção de um lugar no mundo para as mulheres e outros grupos excluídos do simples direito à humanidade e a dignidade, ela também contribui para a exclusão ou silenciamento das mulheres filósofas ao longo da própria História do Conhecimento. E, aparentemente, por vergonha do próprio passado, esse silêncio parece ser mantido.

No passado a Filosofia tratou sobre as mulheres em diversas áreas do conhecimento, para no fim, definir uma ideia de natureza feminina que as diferenciassem dos homens, e as colocassem em situação de inferioridade ou servidão a estes, “como se estivessem em um estado de infância perpétua” (WOLLSTONECRAFT, 1792).

4. CONCLUSÕES

Pensar a mulher e os femininos enquanto gênero, conceito e ente foi algo que a Filosofia fez no passado e depois silencio-se. As questões que temos hoje em relação às mulheres e aos direitos das mulheres parecem estar profundamente relacionadas com esse silêncio epistemológico. E como não dizer que a exclusão das mulheres da construção do conhecimento é também parte do epistemicídio cometido desde a Grécia Antiga?

Os estudos sobre mulher, feminino e gênero conduzem à questão da identidade. Identidade que se forma por uma dialética entre o identificar-se (a partir do indivíduo e sua relação com o mundo) e o ser identificado (a partir da função social que o mundo dá aos indivíduos).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. Política. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CUBÍE, Juan Bautista. Em Defesa das Mulheres das Calúnias dos Homens: com um catálogo das espanholas que mais se destacaram nas Ciências e nas Armas. Tradução de Dafne Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla. A História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

DZIELSKA, M. Hipátia de Alexandria. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1995.

EGGERT, E.; MENEZES, M.; TIBURI, M. (Orgs.). As Mulheres e A Filosofia. Antologia. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2002.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. As Origens e a Comemoração do Dia Internacional das Mulheres. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2010.

KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Trad. Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Bacarolla, 2009.

KANT, Immanuel. Antropologia de um ponto de vista pragmático. Trad. Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura.

MICHELET, Jules. As Mulheres da Revolução. Trad. Daniela Kern. Porto Alegre: PUC RS, 2014.

MICHELON, F.; SENNA, N.; SILVA, U. (Orgs). Gênero, Arte e Memória: Ensaios interdisciplinares. Pelotas: Ed. da UFPel, 2009.

PLATÃO. O Banquete. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ROUSSEAU, Jean J. *Emílio, ou da educação*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

RUSSELL, B. História da Filosofia Ocidental: Livro Primeiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

SANTORO, F. Arqueologia dos Prazeres. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SUDA On Line: *Bizantine Lexicography*. www.stoa.org/sol/

TIBURI, M.; VALLE, B. (Orgs.). Mulheres, filosofia ou coisas do gênero. Santa Cruz do Sul: Editora EDUNISC, 2008.

WIDER, K. Women Philosophers in the Ancient Greek World: Donning the Mantle. Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy 1.1. San Francisco, Spring. 1986. 21-62.

WOLLSTONECRAFT, Mary. A Vindication of The Rights of The Woman: with strictures on political and moral subjects. 3^a Edição. Londres: J. Johnson, 1796.

_ . Maria or The Wrongs of Woman. 1798. The Project Gutenberg EBook. <http://www.gutenberg.org/files/134/134-h/134-h.htm>

_ . A Vindication of the Rights of Men, in a Letter to the Right Honourable Edmund Burke, occasioned by his Reflexions on the Revolution in France. 2^a edição. Londres: J. Johnson, 1790.

_ . Thoughts on the Education do Daughters: With Reflections on Femelle Conduct, in the More Important Duties of Life. London: J. Johnson. 1787.